



A
FAIÊNCIA





A



FALCIÊNCIA

Júlia Lopes de Almeida

TORDSILHAS

Rio de Janeiro, 2023

Amostra

I

Amos 10





O Rio de Janeiro ardia sob o sol de dezembro, que escaldava as pedras, bafejando um ar de fornalha na atmosfera. Toda a rua de São Bento, atravancada por veículos pesadões e estrepitosos, cheirava a café cru. Era hora de trabalho.

Entre o fragor das ferragens sacudidas, o giro ameaçador das rodas e os corcovos de animais contidos por mãos brutas, o povo negrejava suando, compacto e esbaforido.

À porta do armazém de Francisco Teodoro era nesse dia grande o movimento. Um carroceiro, em pé dentro do caminhão, onde ajeitava as sacas, gritava zangado, voltando-se para o fundo negro da casa:

— Andem com isso, que às onze horas tenho de estar nas docas!

E os carregadores vinham, sucedendo-se com uma pressa fantástica, atirar as sacas para o fundo do caminhão, levantando no baque nuvens de pó que os envolvia. Uns eram brancos, de peitos cabeludos mal cobertos pela camisa de meia enrugada de algodão sujo; outros, negros, nus da cintura para cima, reluzentes de suor, com olhos esbugalhados.

Ao cheiro do café misturava-se o do suor daqueles corpos agitados, cujo sangue se via palpitar nas veias entumescidas do pescoço e dos braços.

No desespero da pressa, o carroceiro soltava imprecações, aos berros, furioso contra os outros carroceiros, que passavam lhe raspando a caixa do caminhão todo derreado para a aniagem¹ das sacas, respirando a poeira que se levantava delas. Os outros respondiam com iguais impropérios, que os cocheiros dos tálburis, em esperas forçadas, ouviam rindo, mastigando o cigarro.

Os carregadores serpeavam por meio de tudo aquilo, como formigas em correição,² com a cabeça vergada ao peso da saca, roçando o corpo latejante nas ancas lustrosas dos burros.



Transeuntes recolhiam-se apressados, de vez em quando, para dentro de uma ou outra porta aberta, no pavor de serem esmagados pelas rodas que invadiam as calçadas, resvalando depois com estrondo para os paralelepípedos da rua.

Aqui, ali e acolá, pretinhas velhas, com um lenço branco amarrado em forma de touca sobre a carapinha, varriam lépidas com uma vassoura de piaçava os grãos de café espalhados no chão. Com o mesmo açodamento peneiravam-nos logo em uma bacia pequena, de folha, com o fundo crivado a prego. Era o seu negócio, que aqueles dias de abundância tornavam próspero. Enriqueciam-se com os sobejos.

Assim, em toda a rua só se viam braços a gesticular, pernas a moverem-se, vozes a confundirem-se, chocando nas pragas, rindo com o mesmo triunfo, gemendo com o mesmo esforço, em uma orquestra barulhenta e desarmônica.

A não ser as africanas do café e uma ou outra italiana que se atrevia a sair de alguma fábrica de sacos com dúzias deles à cabeça, nenhuma outra mulher pisava aquelas pedras, só afeitas ao peso bruto.

Dominava ali o trabalho viril, a força física, movida por músculos de aço e peitos decididos a ganhar duramente a vida. E esses corpos de atletas, e essas vozes que soavam alto num estridor de clarins de guerra, davam à velha rua a pulsação que o sangue vivo e moço dá a uma artéria, correndo sempre com vigor e com ímpeto.

Já de outras ruas descia aquela onda quente, arfante de trabalho; vinha da rua dos Beneditinos e vinha dos armazéns da rua Municipal, todos atulhados de café, que esvaziavam em profusão para os trapiches e as docas, tornando-se logo a encher famintamente.

Em uma ou outra soleira de porta, trabalhadores sentavam-se descansando um momento, com os cotovelos fincados nos joelhos erguidos, salivando o sarro³ dos cigarros, a saborear uma fumaça, olhando com indiferença para aquela multidão que passava aos trancos e barrancos, na ânsia da vida, num torvelinho de pó e gritaria.

De vez em quando, grupos de rapazinhos, na maior parte italianos, surgiam nas esquinas e percorriam todo o quarteirão, às gargalhadas, enchendo os bolsos com o café das africanas velhas, cujos guinchos de protesto se perdiam abafados pelo ruído complexo da rua.



Dentro dos armazéns a mesma lufa-lufa.

No de Francisco Teodoro não havia paragem.

O primeiro caixeiro, seu Joaquim, um homem moreno, picado das bexigas, de olhos fundos e maçãs do rosto salientes, gesticulava em mangas de camisa, apressando os carregadores esbaforidos.

À porta, um capataz de tropa, mulato, furava com um furador tubular de aço e latão todas as sacas que saíam, para que se escapasse pela abertura uma mancheia⁴ de grãos. Os carregadores apenas retardavam os passos nessa operação, e o café caía cantando na soleira.

Ao fundo, um rapazinho magro e amarelo, o Ribas, apontava num caderno o número de sacas que levavam, rente à escada de mão por onde os carregadores subiam para as tirar do alto das pilhas, correndo depois pelo asfalto desgastado e denegrado do solo.

Tudo era feito numa urgência, obrigada a grande movimento.

Um sopro ardente de vida, uma lufada de incêndio bafejada por cem homens arquejando ao mesmo tempo na febre da ambição, varava todo aquele extenso porão negro, sem janelas, ladeado de sacos sobrepostos e adornado nas vigas sujas do teto por infinita quantidade de teias de aranha, enredadas, como longas sanefas⁵ viscosas de crepe russo.

De vez em quando, um ruído de cascata rolava pelo interior do armazém. Era o café, que ensacavam na área do fundo e que na queda das pás desprendia um pó sutil e um cheiro violento.

Fora, chicotadas cortavam o ar com estalidos, e pragas rompiam alto no som confuso, em que vozes humanas e rodas de veículos se amalgamavam com o estrupido das patas dos animais.

Alguns carregadores exaustos paravam um pouco, limpando o suor, mas corriam logo, chamados pelos olhos de Seu Joaquim, que ia e vinha, muito trêfego,⁶ sungando as calças que lhe escorregavam pelos quadris magros.

— Aviem-se! Aviem-se! Temos hoje muito que fazer!

Era o seu estribilho.

E havia sempre muito que fazer naquela casa, uma das mais graúdas no comércio de café. Dir-se-ia que o dinheiro aprendera sozinho o caminho dos seus cofres, correndo para eles sem interrupção.



Ao lado do armazém e se comunicando com ele por uma portinha estreita havia, à esquerda, o corredor e a escada, que levava ao escritório, acima, no primeiro andar.

Em uma sala ampla, quadrada, de madeiras velhas e papel barato, o Senra, guarda-livros, escrevia em pé, junto à escrivaninha colocada ao centro. Em outra carteira trabalhavam os dois ajudantes, um velho, o Mota, de sorriso amável e modos submissos; e o outro, um moço bilioso de barbinhas pretas mal plantadas em um queixo quadrado.

Nessa sala o trabalho era silencioso. As penas não paravam, mal dando tempo às mãos para folhearem os livros e as diversas papeladas. Diziam-se frases sem se levantar os olhos da escrita, e as perguntas eram apenas respondidas por monossílabos.

A um canto, sobre uma mesinha sólida, entre uma das janelas e a parede, estava a prensa de copiar; e no outro canto, em um alto banco de madeira pintada, a talha de filtro já enegrecida pelo uso. Pelas paredes, pastas de molas, rotuladas, em filas, prenhes de contas, recibos e cartas a responder. Ao fundo, entre a talha e o corredor da entrada, abria-se uma janela para o negrume do armazém, sob uma claraboia estreita, de pouca luz.

Era em um gabinete, ao lado, com uma janela para a rua e igual avareza de mobília, que o dono da casa escrevia a sua correspondência, bem repousado em uma larga cadeira de braços.

Ele ali estava, acabando de fechar uma carta.

Toda a sua pessoa resumava a fatura e a altivez de quem sai vitorioso de teimosa luta.

Gordo, calvo, de barba grisalha rente ao rosto claro, com os olhos garços tranquilos e os dentes brancos e pequeninos, tinha um belo ar de burguês satisfeito.

Não era alto e quando andava fazia tremer a casa, tal a firmeza dos seus passos pesados.

Um ou outro empregado vinha de vez em quando fazer-lhe uma pergunta, a que ele respondia com paciência, indicando claramente as coisas, com minúcias, para evitar confusões.

Francisco Teodoro, à sua larga secretária de peroba, dava a face para o cofre de ferro, de trincos e fechaduras abertas.



Tinha ele por hábito, tornado já em cacoete, remexer com a mão curta e gorda o dinheiro e as chaves guardados no bolso direito das calças. No começo da sua vida dura de trabalho e de áspera economia, aquilo seria feito com intenção; agora representava um ato maquinal, alheio a qualquer pensamento de avareza ou de orgulho de posse.

Depois de muitas horas de trabalho febril, sem repouso, vinha o momento de paragem, a hora do café, que um mulato moço, o Isidoro, levava primeiro ao escritório, servindo depois os empregados do armazém.

Os degraus já gastos da escada rangiam então ao peso de um comissário vizinho, o João Ramos, e do ensacador Lemos, da rua dos Beneditinos, do Negreiros, da rua das Violas, e do Inocêncio Braga, recentemente associado ao grupo. Às duas horas reuniam-se sempre ali para o cafezinho, descansando o corpo e desanuviando o espírito com palestras de seu interesse e do seu gosto.

Nesse dia tinham soado já as duas quando os negociantes apareceram.

Francisco Teodoro levantou-se e bateu com os pés, desenrugando as calças.

— Homem! Vocês tardaram.

— Culpa do Lemos...

E depois:

— O senhor está com a casa repleta!

— Tenho exportado muito café!

— Felizardo! Aproveite a época, que não pode ser melhor!

Corria então o ano de mil oitocentos e noventa e um, em que o preço do café assumira proporções extraordinárias. O movimento crescia e casas pequenas galgavam aos saltos grandes posições.

— O que eu te invejo — disse Ramos, único que ousava tratar Teodoro por tu —, não é a fortuna, é a mulata que te engoma as camisas!

Os outros olharam rindo para o alvo e lustroso peitilho do dono da casa, que saboreava o café, com ar satisfeito, de pé, com o pires muito afastado do corpo, seguro na ponta dos dedos.

— Não é má essa — regougou⁸ Lemos, o comendador Lemos, da Beneficência, franzindo o narizinho, submerso entre duas bochechas, que nem de criança.



Depois de um riso fraco e desafinado, ouviu-se a vozinha aflautada do Inocência perguntando a Teodoro:

— Aqui o seu vizinho Gama Torres é que fez um casão de um dia para o outro, hein?

— Homem, sempre é verdade aquilo?!

Se é... tenho provas... Afinal, eu inspirei-o um pouco no negócio...

Fixaram todos a vista no Inocência Braga. Era um homem pequenino, magro, com uns olhinhos negros, febris e um fino bigode castanho, quase imperceptível.

— Custa-me a crer nesses milagres — ponderou Teodoro, pousando a xícara na bandeja que o Isidoro oferecia.

— Afirmo; questão de arrojo. Presumiu alta, abarrotou o armazém e esperou a ocasião. O sogro ajudou-o, está claro...

— Não meditou nas consequências que poderiam sobrevir se desse uma baixa.

— Quem fala em baixa?! Eu só lhe digo que o comércio do Rio de Janeiro seria o melhor do mundo se tivesse muitos homens como aquele. Senhores, a audácia ajuda a fortuna. Fiquem certos de que o bom negociante não é o que trabalha como um negro e segue a rotina dos seus antepassados analfabetos. O negociante moderno age mais com o espírito do que com os braços e alarga os seus horizontes pelas conquistas nobres do pensamento e do cálculo. O Torres é de bom estofó; é destes. Conheço os homens.

Olhavam todos para o Inocência com um certo respeito, reconhecendo-lhe superioridade intelectual.

— O Gama Torres teve dedo, teve — sentenciou o Lemos.

E logo o Inocência acrescentou:

— Também aquele está destinado a ser o nosso Rothschild!

Teodoro contraiu as sobrancelhas. Ser o primeiro negociante, o mais hábil, o mais forte, fora sempre o seu sonho.

Voltando-se, inquiriu dos outros explicações miúdas acerca daquele negócio fabuloso. O tempo favorecia as especulações, e ele meditava no assunto, alisando a barba grisalha, rente às faces gordas e macias.

O Negreiros, tendo dado volta à sala e enfiado pela porta do escritório o seu enorme nariz de cavalete, virou-se para os outros e disse a meia-voz:



— Que diabo! Não posso me acostumar a ver aquele velho como ajudante de guarda-livros!

— Que quer você? — murmurou Teodoro. — Matos empenhou-se por ele e afinal a aquisição foi boa. Precisa mais do que os moços, e, como dá boa conta do recado, não penso em substituí-lo. É assíduo.

— Outro esquisitão que você tem cá em casa é lá embaixo o Joaquim. Ninguém dirá que é o mesmo lá fora.

— Muito carnavalesco e metido com as damas, hein? Que se divirta, aqui trabalha como nenhum. É uma praça de arromba: descansa-me.

— Ouvi dizer que ele vai casar com a Delfina do Recreio.

— Histórias! O rapaz é sério.

— Tolo é que ele não é — resmungou o Negreiros, procurando o chapéu.

O Inocêncio despediu-se também; ia num pulo ao Torres. Os afazeres eram tantos que mal lhe davam tempo para engolir o café.

Quando ele saiu, olharam uns para os outros interrogativamente. O comendador Lemos sentenciou:

— Este Inocêncio é espertalhão! Está aqui, está diretor do banco. Não duvido que o Torres tivesse sido empurrado por ele. Tem uma lábia!

— E sabe encostar-se a boas árvores. Barros tem-lhe dado boas comissões e não é à toa que ele procura tanto agora o Torres... Mete-se sempre na melhor roda... Aquele não veio de Portugal como nós, sem bagagem e cheirando a pau de pinheiro; trouxe luvas e meias de seda. O patife!

— São os que naufragam.

— Quando não vêm à caça e não têm o jeitinho que este revela. Canta que nem um pássaro para atrair a gente!

— É uma inteligência superior! — suspirou o Ramos esticando com ambas as mãos o colete sobre a barriga arredondada. Depois, refestelando-se no sofazinho austríaco, teve uma ponta de censura para as coisas desta terra: o governo era fraco, o povo, indisciplinado, a cidade, infecta.

Inda nessa manhã, vendo marchar um pelotão de soldados, sem cadência nem ritmo, lembrara-se da maneira por que os soldados da sua pátria andavam pelas ruas. As fardas eram mais bonitas, os metais mais polidos, os passos iguaizinhos, um, dois, um, dois; fazia gosto. E assim, em tudo mais aqui, o mesmo relaxamento.



A maldita República acabaria de escangalhar o resto. Veriam.

Só no fim perguntaram pelas famílias.

— A propósito — perguntou o Ramos a Teodoro —, aquela menina que vai tocar violino no concerto dos pobres é sua filha?

— Que concerto?

— De amanhã, no Cassino. Foi a minha madama que leu isso num jornal...

— Pode ser... são coisas lá da mãe. A pequena tem um talento; o próprio mestre espanta-se.

— É bonita! Vi-a um destes dias — observou Lemos.

— Não, isso não! Por enquanto ainda não se pode comparar com a mãe — protestou Francisco Teodoro, com sinceridade e um certo orgulho.

Os outros sorriram.

— Lá isso, você tem um pancadão. Feliz em tudo, este diabo!

Houve uma pausa.

— Realmente — insistiu Francisco Teodoro —, o Gama Torres deu um cheque valente. Pois olhem, eu não dava nada por ele: um brasileiro magro.

— E começou outro dia!

— De mais a mais, parecia acanhado, tímido.

— Qual! Isso não! Conheci-o caixeiro, ali do Leite Bastos. Foi sempre um atirado; ali está a prova: fez um casão de um dia para o outro. Dou razão ao Inocêncio; aquele está talhado para ser o nosso Rothschild...

— Vejam lá — rosnou o Lemos com a papada trêmula e um brilho de cobiça nos olhinhos pardos —, eu quis fazer o mesmo negócio e lá o meu sócio é medroso e: tá, tá, tá, é melhor esperar... Está aí!

— Fez bem, foi prudente! Deixem lá falar o Inocêncio. Senhores, o comércio do Rio de Janeiro é honesto e não se tem dado mal com o seu sistema — observou Teodoro.

— Sim, o Inocêncio aprecia isso de fora, por isso diz o contrário. Chama o comércio do Rio de Janeiro de ignorante e de porco.

— Porco?! — bradaram os outros, indignados.

— Porco — confirmou o Ramos com solenidade.

— Tudo mais aceito, o porco é que não engulo, observou do seu canto o Lemos, o anafado.

Ramos sentiu saltar-lhe na língua esta resposta: — porque os animais da mesma espécie não se devoram entre si — mas, por consideração ao amigo, calou-se. Ele confessava-se seduzido pelas exposições do Inocêncio. Que talento!

— Mas, afinal de contas, que quer o Inocêncio?! — perguntou Teodoro de pé, cruzando os braços sobre o fustão alvo do colete.

— Queria... Pensava encontrar aqui uma praça mais desenvolvida, maiores transações, casas de mais vulto. Diz que não temos sabido aproveitar as aragens. Que só trabalhamos com o corpo. Não o ouviu?

— Com que diabo queria ele que trabalhássemos?

— Com a inteligência. Está claro. E ele explicou a coisa bem. O nosso comércio é formado por gente sem escola, vinda de arraiais. Eu, por mim, confesso, mal tive uns meses magros de colégio! Apanhei muito e não aprendi nada.

Houve um curto silêncio, em que passou pelos olhos de todos a saudosa visão de uma escola rudimentar em um recanto plácido de aldeia.

Depois de um suspiro, Teodoro concluiu:

— Que venham para cá os doutores com teorias e modernismos, e veremos o tombo que isso leva!

Entreolharam-se. A verdade é que tinham todos eles um soberano desprezo pelas classes intelectuais. Daí um sorrisinho de expressiva intenção.

Mais um pouco de palestra sobre câmbio, transações da bolsa e assuntos lidos no *Jornal do Comércio* do dia encheram um quarto de hora, que passou depressa. Por fim, saíram falando alto, dizendo que aquela casa cheirava a dinheiro.

Francisco Teodoro foi dar o seu giro pelo armazém. Vendo-o embaixo, Seu Joaquim acudiu logo, limpando com a língua o bigode molhado de café, a dar informações.

— Estamos esperando o café do Simas.

O caminhão já está aí perto, mas ficou entalado entre os carroções do Gama Torres. Tem sido um despropósito o café que aquele armazém tem engolido.

— Já sei disso... bem. Mandou as contas para cima?

O outro disfarçou um movimento de enfado e mal respondeu:

— Sim, senhor — depois gritou para o fundo:



— Seu Ribas!

Ribas cruzou-se com Francisco Teodoro, que seguiu até a área, a ver ensacar o café.

A gente do armazém tinha quizília⁹ à do escritório: fazia valer os seus serviços, deprimindo os alheios. Seu Joaquim considerava-se o melhor empregado da casa e gostava de mostrar as suas exigências. Os caixeiros temiam-no; mas o pessoal de cima tratava-o com certa sobrançeria, que ele não perdoava.

O velho Mota, ajudante de guarda-livros, ainda era o único que lhe dispensava amabilidades e cortesias; mas, mesmo nisso, Seu Joaquim via uma adulação. Com certeza o velho só pensava em impingir-lhe a filha, que mirrava os seus trinta anos em um sobradinho da rua Funda.

Francisco Teodoro demorou-se um bocado na área vendo ensacar. Passou-lhe pela lembrança o tempo dos escravos, quando esse trabalho era exclusivamente feito pelos negros de nação, com a sua cantilena triste, de africanos. Era mais bonito.

As pás iam e vinham cantando, num compasso bem ritmado, sempre seguido da voz: eh, eh! Eh, eh! E agora mal se via um preto nesse serviço! E ainda acham que as coisas se alteram devagar!

Rolavam pelo chão grãos de café, como contas de cimento, e na atmosfera carregada mal se podia respirar. Francisco Teodoro voltou. O caminhão estava já à porta e os carregadores andavam nas suas corridas afanosas. Ia subir quando foi abordado por um dono de trapiche, o Neves, que, vendo-o da rua, entrou para lhe pedir a freguesia, acrescentando para o estimular:

— Agora mesmo venho ali do seu vizinho, o Gama Torres, que me tem mandado lá para o trapiche um número assombroso de sacas!

O movimento do armazém interrompia-os de instante a instante. Francisco Teodoro mal respondia, com as ideias desviadas para outro sentido.

Pensava no Gama Torres, de quem toda a gente lhe falava com elogio e pasmo. Aquele está destinado a ser o primeiro homem da praça, dissera-lhe o Inocêncio, e o Inocêncio era homem de bom faro e de êxito seguro em todas as suas previsões. Mas esse papel, de financeiro e negociante forte entre os mais fortes, fora o ideal de toda a sua longa vida de trabalhos, de sujeições e de amarguras! Seria justo que o outro, de um pulo, erigisse

edifício mais alto e glorioso do que o seu, cimentado com lágrimas, com sacrifícios, com tantos anos de esforço e de labor?

Francisco Teodoro despediu-se do Neves sem o animar, apertando-lhe a mão frouxamente, e subiu para o escritório. Na escada encontrou o mulateiro, o Isidoro, com uma vassoura na mão.

— Cuidado!... não me tirem as teias de aranha do armazém...

— Não, senhor! Eu bem sei que aquilo dá felicidade...

Francisco Teodoro deteve-se um momento no escritório e entrou depois para o seu gabinete.

Fora, o sol avermelhava as fachadas feias e desiguais das casas fronteiras. Velhas paredes repintadas, outras com falhas de calça, guardavam os seus segredos e as suas fortunas. Um hálito ardente de verão bafejava toda a rua febril.

Os armazéns, pelas bocas negras das suas portas escancaradas, vomitavam ainda sacas e sacas de café, que as locomotoras e as carroças levavam com fragor de rodas e cascalhar de ferragens para os lados da Prainha e da Saúde, levantando do solo esmagado camadas de pó que espalhavam no ar cintilações de ouro.

